

# MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ: NOTA SOBRE O DISCURSO EXPOSITIVO

VERÔNICA M. M. NUNES<sup>1</sup>

## ABSTRACT

This paper presents some aspects regarding the project of the building of the Archaeological Museum of Xingó and the installation of its long term exhibition.

**Palavras-Chaves:** Museu-Arqueologia-Museologia-Exposição

---

<sup>1</sup> Verônica Nunes. Professora do Departamento de História/Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Memória Social e Documento/UNIRIO.

Pensar o museu é definir o que queremos legar como princípios às próximas gerações, tratando-os como um bem comum e para diferentes públicos, estando em sua própria raiz a continuidade e a permanência.<sup>2</sup>

Em abril de 2000 foi inaugurado o Museu de Arqueologia de Xingó da Universidade Federal de Sergipe apresentando ao público a exposição de longa duração que tem como eixo o Homem de Xingó.

## **O EDIFÍCIO: UMA PROPOSTA CONTEMPORÂNEA DE ARQUITETURA PARA UM MUSEU DE ARQUEOLOGIA**

Pensar a exposição incluiu a construção de um edifício para divulgar os resultados da pesquisa arqueológica iniciada na década de 80 do século XX.

Segundo Roberto Rojas<sup>3</sup>

“A história de arquitetura de museus, concebida como construção de edifícios especialmente destinados para esse fim, inicia-se no século XVI com a construção dos Uffizi, em Florença, por Vassari. No século XX o conceito de museu mudou radicalmente e os arquitetos, além de porem completamente de parte a tradicional planta retangular com janelas de ambos os lados, típica dos palácios neoclássicos, começaram por se colocar a próprios o problema da localização”.

Seguindo uma tradição de projeção de edifícios construídos especificamente para museus, que no Brasil tem a marca do arquiteto Oscar Niemeyer, a arquiteta sergipana Dora Neuza Leal Diniz, projetou, como

---

2 LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo. Ed. USP. 1999. p.15.

3 ROJAS, Roberto. Os edifícios de museu. In: ROJAS, Roberto et al. *Os museus no mundo*. Tradução Luiz Amaral. Rio de Janeiro. Salvat Editora do Brasil. 1979. p. 33.

mais uma interferência humana, na paisagem do sertão sergipano do São Francisco, uma edificação que é uma releitura da Hidrelétrica de Xingó, destacando em seu interior, como ambientação e paisagismo, pedras e vegetação da caatinga que se integram ao curso expositivo.

A estrutura arquitetônica é térrea, com nove salas destinadas a exposições de curta duração e o auditório com capacidade para cinquenta pessoas.

A arquiteta, ao projetar o espaço amplo, sem escadas, com áreas de iluminação natural, procurou, sobretudo, proporcionar conforto e condições de visualização das vitrines que destacam as referências patrimoniais, isto é, os vestígios da cultura material, objetivando ao público a melhor fruição dos resultados das pesquisas que evidenciam o passado pré-colonial da região de Xingó, abrangendo municípios são franciscanos de Sergipe e Alagoas.

## A EXPOSIÇÃO: DIVULGAÇÃO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Cristina Bruno<sup>4</sup> ao apresentar a proposta para o Museu de Xingó estabelecia que

a sua configuração será de uma instituição **científica, universitária e museológica**, com responsabilidades de produzir conhecimento, interagir com as distintas esferas do ensino e extensão e de preservar o patrimônio.

O Museu de Arqueologia começou, assim, a ser pensado como um espaço para

salvaguardar os vestígios provenientes das pesquisas realizadas na região e a respectiva documentação primária; como também para comunicar os resultados dos estudos e as interpretações sobre as sociedades pré-coloniais e coloniais que ocuparam este território.<sup>5</sup>

---

4 BRUNO, Cristina. *Proposta para o Museu de Arqueologia de Xingó*. São Paulo. Digitado. 1997. p. 5.

5 Idem.

Dois pontos – salvar e comunicar – que merecem estudos distintos na relação como o Museu de Arqueologia de Xingó. e como já está evidenciado, a vertente escolhida para esse texto é a de “comunicar”.

Assim, retomando o já citado documento, encontra-se a idéia do que foi pensado sobre a exposição. A comunicação museológica propunha dois patamares expositivos, isto é, a exposição de longa duração deveria ser equacionada em três níveis: 1) apresentação dos aspectos básicos referentes às populações estudadas; 2) a evidenciação da natureza do trabalho arquitetônico; 3) a demonstração das coleções.

Com essa proposta foram iniciadas as discussões e pesquisas que permitissem a musealização das coleções lítica, cerâmica, esqueletos humanos e restos de fauna recolhidos durante o salvamento arqueológico.

Para Cristina Bruno<sup>6</sup>,

“A musealização é o processo constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação”.

Com esse conceito, direcionou-se o trabalho para a preparação de uma exposição cujas coleções

Preservam objetos que, antes de se transformarem em vestígios foram resíduos (restos) de atividades humanas (...)<sup>7</sup>

Pensou-se então em uma exposição que tivesse como eixo temático o “Homem de Xingó”, cujo objetivo principal é o de, através da divulgação dos vestígios da cultura material, apresentar a história dos “povos sem história”, como bem analisa André Le Roy Gourhan, que ocuparam a região que, na atualidade está na área de influência da UHE-Xingó.

Na apresentação museográfica, além dos artefatos arqueológicos, foram utilizados outros elementos como desenhos técnicos, artes plásticas, cenários e maquetes.

---

6 BRUNO, Cristina. Formas de humanidade: concepções e desafios da museologia. IN: —. *Museologia e Comunicação. Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa. ULHT, n. 9. 1996. p. 67 e 68.

7 *Ibidem*, *Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandonos e mudanças. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo. n. 6. 1996. p. 301

As obras de arte, inseridas na exposição, inovam, no sentido de que a proposta de inclusão objetivou que artistas interpretassem em linguagem contemporânea a vida e os artefatos dos homens que habitavam os terraços do Xingó. As obras expostas são escultura em pedra (Asa do tempo), painéis com gravações em cerâmica, e em cimento e um óleo sobre tela intitulado “Incisão Contemporânea sobre o Homem de Xingó I e II”, compostas, respectivamente, pelos artistas plásticos sergipanos Bené Santana e Elias Santos.

A exposição é constituída de três setores:

- 1) O trabalho do arqueólogo – onde, a partir da simulação de um sítio arqueológico são apresentados equipamentos de trabalho e destacado o profissional que realiza a escavação;
- 2) Evidência da cultura material – expõem-se coleções tipológicas de lítico, cerâmica e restos faunísticos;
- 3) “Arqueologia da Morte” – onde se apresentam alguns variados sepultamentos encontrados em diversos níveis de escavação.

## **A GUIA DE CONCLUSÃO**

Deve-se enfatizar que essa exposição é resultante de um olhar possível, e está sujeita a avaliações.

No entanto, é preciso considerar que, por ainda estar em fase inicial, a pesquisa sobre os artefatos e os esqueletos, a exposição pode ser entendida como um primeiro momento da extroversão e, por isso, passível de reflexões e mudanças.

Por outro lado, essa exposição de arqueologia tem, no mínimo, desempenhado um papel: o de, através do vestígio arqueológico musealizado, contribuir para que se reflita uma noção de identidade cultural a partir da herança patrimonial de sociedades que antecederam a conquista do território do Sertão do São Francisco, de modo especial, a Capitania de Sergipe Del Rey, corroborando com Cristina Bruno<sup>8</sup> quando afirma que “os museus de Arqueologia são também identificados como museus de identidades, museus de sociedades e museus de civilizações”.

---

8 BRUNO, Cristina, Op. cit, p. 311.